

editorial

Comparar alhos com bugalhos

> João Canavilhas



Há princípios básicos que devem ser observados quando se fazem comparações. Um deles, quicá o mais importante, é apenas comparar o que é comparável. Ou seja, é absolutamente ridículo dizer que a fábrica A é mais produtiva que a fábrica B, porque a primeira produziu 500 parafusos e a segunda 15 automóveis. Vem isto a propósito das notícias que li acerca da 1ª fase de colocações no Ensino Superior. Como esta semana serão publicados os resultados da 2ª fase, é natural que o panorama se repita.

Um dos erros mais recorrentes é misturar numa mesma notícia o "número de vagas ocupadas" com o "número de candidatos" a um estabelecimento de ensino. E porquê? Porque "candidatos" e "colocados" não são dados comparáveis. Aquilo a que alguns chamam "candidato" é uma simples citação no boletim de candidatura. Explique-se. No impresso de candidatura ao Ensino Superior existem seis opções que o candidato pode preencher. A maioria dos candidatos preenche os seis campos, guardando as últimas opções para escolas cuja nota de acesso costuma ser mais baixa. O objectivo é ficar a salvo de qualquer imponderável, assegurando um lugar no Ensino Superior. Vamos a um exemplo. Um grupo de dez alunos pretende ingressar na escola A e coloca o nome dessa escola em primeira opção. De forma a assegurar o ingresso no Ensino Superior, o grupo preenche as restantes cinco opções com outros cursos da escola B. Como têm uma boa média, os dez alunos acabam por entrar na escola A. No dia em que são conhecidos os resultados, o presidente da escola A diz que preencheu as dez vagas disponíveis, enquanto o presidente da escola B salienta os 50 "candidatos" e omite que não colocou qualquer aluno. Conclusão: quem fala em "candidatos" tenta esconder problemas na captação de alunos e quem mistura estes dados na mesma notícia comete um erro.

Outra situação habitual é encontrar comparações de preenchimento de vagas entre escolas de áreas diferentes. Um jornal da nossa região destacava os bons resultados de uma Escola Superior de Educação face a uma Escola Superior de Tecnologia e Gestão do mesmo Politécnico. O único problema é que estas escolas não são comparáveis. Enquanto uma oferece cursos em áreas onde se exige a nota do exame nacional de Matemática, a disciplina com a média mais baixa, a outra exige provas cujas médias estão entre as mais altas. Por isso não é correcto salientar a estratégia de uma escola em detrimento da outra porque, simplesmente, o preenchimento de vagas não depende de factores controláveis pela direcção dessas escolas.

Outro erro comum é comparar as vagas não ocupadas numa Universidade com as de um Politécnico. No primeiro caso a nota mínima de entrada tem de ser positiva, enquanto no segundo caso é possível entrar com pouco mais de oito. Para além disso, nos Politécnicos existem as preferências regionais e habilitacionais, o que permite afectar entre 30 a 50 por cento das vagas para candidatos que preenchem os requisitos necessários.

Restaria a possibilidade de comparar os cursos com o mesmo nome, mas até isso se tornou difícil. Neste momento existem múltiplos exemplos de cursos iguais onde se exigem provas de ingresso diferentes. Veja-se o caso da Gestão: numas escolas exige-se a prova de Matemática, noutras a de Economia.

É por tudo isto que estabelecer comparações a partir dos dados fornecidos pelo Ministério da Ciência e do Ensino Superior (MCES) é um exercício especulativo sem qualquer utilidade. O que vale a pena, isso sim, é analisar a revolução silenciosa que ocorre na oferta de licenciaturas em Portugal. Na ânsia de preencher mais vagas, as escolas fecham cursos sem procura, o que é natural, e abrem outros em áreas que são apenas especialidades de licenciaturas já existentes. Basta um olhar rápido sobre a oferta formativa do Ensino Superior para se encontrar um vasto leque de cursos cujas denominações são autênticas anedotas. Alguns nem sequer aparecem nos guias de profissões, pelo que a sua integração no mercado de trabalho será problemática. Estes cursos virão a revelar-se uma fraude para os seus licenciados, mas nessa altura ninguém será responsável por nada. O que é pena, pois esta deveria ser uma das principais preocupações do MCES.

Em lugar de se abrirem mais "cursos inovadores" numa qualquer região que "exige" uma Universidade, o ministério deveria procurar soluções para financiar as escolas que já existem, não as obrigando a procurar métodos expeditos para equilibrar orçamentos. A médio prazo, perderão os alunos, as escolas e o país, ou seja, perderemos todos.

Verbas do PRODEP diminuídas pelo segundo ano consecutivo

Dos cerca de 90 alunos que concorreram a bolsas de estágio, apenas uma pequena parte obteve resposta positiva por parte do Ministério da Educação (ME). Os finalistas da UBI ficam sem apoio pelo segundo ano consecutivo.

As respostas relativas às candidaturas de bolsas de estágio no âmbito do PRODEP deveriam ser conhecidas no passado dia 15 de Julho. Segundo fonte do ME, a saída de Durão Barroso e a remodelação do elenco governamental veio atrasar as mesmas. No início de Setembro, os 90 alunos finalistas da UBI que concorreram, através do Gabinete

de Estágios e Saídas Profissionais, a este subsídio, começaram a receber as cartas com os respectivos pareceres. Segundo Rogério Palmeiro, do Gabinete de Estágios, apenas 14 bolsas foram aprovadas, todas elas relativas a períodos de estágios de três meses. Os restantes 76 alunos que concorreram à mesma bolsa para um período de seis meses obtiveram resposta negativa por parte do ME.

Recorde-se que no ano anterior os alunos que concorreram para esta bolsa obtiveram resposta idêntica. O ME justifica com falta de dinheiro para os programas de estágios.

Incentivar integração no mercado de trabalho

O Centro de Estudos de Desenvolvimento Regional (CEDR) da Universidade da Beira Interior acolhe, até ao próximo dia 28 de Dezembro, um curso na área do Marketing e Tecnologias de Informação e Comunicação.

A iniciativa, com início a 8 de Setembro, é apoiada pelo programa FORDESQ (Plano de Acção para a Formação de Activos Qualificados Desempregados) e destina-se a licenciados desempregados. Esta acção foi desenvolvida pelo Gabinete de Apoio à Investigação com o apoio do Gabinete de Estágios e Saídas Profissionais, no seguimento de outros cursos anteriormente promovidos para o mesmo público-alvo. Segundo os responsáveis, o objectivo principal destas acções é "assegurar uma maior polivalência aos recém-licenciados para se integrarem no mercado de trabalho".

Teatr'UBI com novos projectos

Chegou por e-mail e aguardam-se, para breve, os cartazes espalhados pelas paredes. A mensagem que pede para não ser lida contém em si algo de misterioso e ao mesmo tempo, atraente. O propósito dos responsáveis foi alcançado e com esta mensagem esperam agora conseguir mais elementos para o teatro universitário.

Num documento carregado de apelos, pode também ler-se "de ano para ano as faculdades vêm crescer edifícios novos, com novas salas de aula e novos anfiteatros, mas não há sala para espectáculos", adianta o "comunicado".

Uma das falhas apontadas pelo Teatr'UBI que tem já 15 anos de existência. De recordar a viagem até Marrocos, no início deste mês, onde o grupo da Covilhã parti-

UBI fica mais SMART

Uma parceria entre várias empresas, resultou na concepção de um veículo cidadão e irreverente, o SMART. A UBI, e o representante da marca na região, trouxeram-no até à universidade. Entre 11 e 21 de Setembro, todos os alunos puderam contactar com vários modelos do automóvel. Os objectivos desta exposição de carácter pedagógico e técnico passaram por integrar conhecimentos, inovações e tecnologias aplicadas no desenvolvimento do veículo. Para além da exposição teve também lugar um ciclo de painéis informativos sobre as características da carroçaria, dos motores, dos sistemas de segurança activa e passiva, entre outros aspectos. O evento incluiu ainda a realização de dois seminários. O primeiro sobre "Segurança, Marketing e Ambiente no Automóvel", que teve como orador um engenheiro da Mercedes. No dia 22, foi a vez do docente da UBI, Ivan Camelier falar sobre "Automóvel e Avião, performances e tecnologias".

breves

Gravuras do Zêzere interpretadas

O mais recente aparecimento de gravuras rupestres no Rio Zêzere, de novo na zona da Barroca Grande, levou a autarquia fundanense e o Centro Nacional de Arte Rupestre a equacionarem a criação de um núcleo interpretativo de arte rupestre na Casa Grande, na Barroca do Zêzere. A estrutura, que a autarquia pretende ver aberta no final do ano, servirá de espaço de apoio para fazer o confronto concreto com aquela arte. Assim, será possível obter diversas informações através de documentação, imagens e até de um suporte audiovisual que será exibido no auditório da estrutura, ainda em fase de reconstrução. A par do núcleo interpretativo, a edilidade pretende marcar um percurso pedestre que possa vir a ser mais um ponto de interesse na zona do Pinhal e da bacia do Zêzere, diz a autarquia local.

Recorde-se que há bem pouco tempo o Rio Zêzere voltou a ser palco da descoberta de gravuras rupestres. Desta vez, o fotógrafo fundanense Diamantino Gonçalves trouxe os achados à luz do dia a 10 quilómetros do local onde há cerca de um ano encontraram as primeiras gravuras.

Universidades em análise

A comissão Fulbright, em colaboração com a Fundação Luso Americana realizou nos dias 24 e 25 de Setembro um debate intitulado "Novas Tendências no Ensino Superior". As conferências, que tiveram lugar no auditório da fundação, em Lisboa, resultam do ciclo anual de conferências realizado pela Comissão Fulbright, denominado Fulbright Brainstorms.

Este evento contou com a presença de personalidades de renome na área das políticas do Ensino Superior. De entre os participantes destacam-se Eduardo Marçal Grilo, administrador da Fundação Gulbenkian e antigo Ministro da Educação, bem como Alberto Amaral, director do Centro Português de Investigação de Políticas de Ensino Superior. A nível internacional, destaque para a presença de Peter Magrath, presidente da National Association of State Universities and Land-Grant Colleges, dos Estados Unidos da América.

A sessão de abertura, no dia 24, foi presidida pela Ministra da Ciência, da Inovação e do Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho. Um momento que contou também com a presença do embaixador dos EUA em Portugal, John Palmer.